

---

REVISTA  
DE  
CABO VERDE

---

Director — L. LOFF DE VASCONCELLOS

S. Vicente de Cabo Verde

---

EDITOR RESPONSÁVEL

Abílio da Cruz Madeira

IMPRESSA DE LIBANIO DA SILVA

Rua do Norte, 91. — LISBOA

---

## DISCORDANTES

---

A par de muita gente sensata que tem applaudido o nosso programma, ha alguns discordantes, facto que nada nos surprehendeu, porque bem sabiamos que não conseguiriamos agradar a todos.

Dizem os discordantes que ha abusos, desleixos, despotismos, irregularidades, erros administrativos, frouxidões, falta de providencias e de medidas reclamadas pelos interesses da provincia, e mil e uma coisas mais que precisam ser combatidas e discutidas energicamente, o que está fóra do programma da *Revista*.

Respondemos:

Não está fóra do nosso programma nenhum dos assumptos apontados, desde que se mostre que são *lesivos aos interesses gerues da provincia, e que sejam apresentados criteriosamente, sem resumir dispensaveis diatribes e injurias.*

O que não queremos discutir, são os factos de interesse pessoal ou partidario.

Querem um orgão de combate exclusivamente?

E' facil; criem-n'o.

Ha abusos de poder, etc.?

Apontem-n'os, e se o fizerem com criterio, acompanhá-los-hemos gostosamente.

O que não é justo, porém, é querer-se que só os outros estejam na arena, ficando os Rocheforts sentados nas galerias, a saborear o espectáculo.

Para a critica em cavaco não estabelece a lei penas, mas para o jornalismo ha-as e bem severas, mercê do regimen que nos governa.

Appareçam, pois, e verão, meus presados senhores, que é mais facil confabular do que ser jornalista.

Todavia, não temos duvida em publicar um supplemento sempre que as circumstancias o exijam, havendo materia a tratar, de interesse geral, que a *Revista* não comporte; mas estamos convencidos que os discordantes continuarão a discordar...

Lembrae-vos do *Maine*, diziam ha pouco os yankees no ardor das batalhas, e nós em opposição dizemos agora: lembrae-vos do *Independente*, do *Correio de Cabo Verde* e da *Justiça*!

Que a nossa *Revista* terá pouca vida, dizem alguns; a sufficiente para morrer, dizemos nós.

A morte é a lei fatal de todos os sêres, e morrer é melhor do que nunca ter vivido.

Não sabemos qual o determinismo pathologico com que os *Revistophobos* fundam o seu prognostico. O que sabemos é que, pelo numero de adhesões que já temos, a *Revista* antes de ir para a valla commum, ha de assignalar a sua passagem com alguma coisa mais do que um embryonario, e o seu trespasse será com aquella serenidade d'alma e consciencia com que sabem morrer os que cumpriram a sua missão na terra.

No decurso da publicação da *Revista* se ha de vêr que ella não foi creada para incensario; desadoramos a lisonja, e o nosso unico estimulo é o engrandecimento da nossa patria.

Temos que luctar, e muito, é verdade, com a indifferença dos egoistas, porque o altruismo e os deveres civicos, não são desgraçadamente abraçados com o mesmo ardor por todos os homens.

Esses sentimentos impõem deveres, que nem todos têm a coragem de affrontar. É precisa uma consideravel

somma de abnegações e de desprendimento de laços de conveniencias proprias, para arrostar com os dissabores e prejuizos que nascem quasi sempre das reacções, e a patria, forçoso é confessal-o, rarissimas vezes glorifica os seus libertadores e os seus campeões. E n'este mourejar de bem a servir, cae-se sempre em revezes e desagradados, que apenas encontram consolação, reparação e justiça, no tribunal secreto da consciencia, n'esse fôro intimo e sagrado, unico refugio dos perseguidos injustamente por uma sociedade, cuja decadencia moral caminha em agigantados passos para uma derrocada vergonhosa, um desmoronamento inevitavel!

E mais ainda, não faltam baixos detractores a envenenar as mais puras intenções, aquilatando por si os sentimentos e o brio dos outros, e amesquinhando aquillo que não podem fazer.

Pondo de parte estes discolos, a *Revista* continuará seguindo serenamente o programma traçado, e no proximo numero promette apresentar alguns assumptos de capital interesse para esta colonia.

\*

\* \*

Como é nosso intento esclarecer o mais possivel os diversos assumptos de que trataremos, vamos abrir, sob a epigraphe — *Controversias* — uma secção destinada a publicar as divergencias que se apresentarem relativamente ás doutrinas enunciadas na *Revista*.

Fica, pois, á disposição dos discrepantes, de boas intenções, a referida secção, sempre que se apresentem, é claro, dentro dos strictos limites do nosso programma.



## CONTROVERSIAS

### A luz electrica em S. Vicente

Do nosso estimavel collaborador, que se apresenta sob o pseudonymo de José Dias, recebemos o artigo que abaixo publicamos, e fazemol-o muito gostosamente, sem entrar comtudo, por ora, na apreciação do acerto ou desacerto da substituição do systema de illuminação d'esta cidade — e dizemos que o fazemos gostosamente — porque o sr. José Dias, que no seu artigo se revela desapaixonado e critico sensato e independente, discute e aprecia as coisas com uma grande somma de conhecimentos das necessidades d'esta cidade.

E pensando assim abrimos o exemplo, para a discussão serena e cordata, como no nosso primeiro artigo nos referimos, de todos os assumptos de interesse geral, e não sirva de estorvo a situação que occupamos na municipalidade d'este concelho, porque acima d'ella e das nossas proprias convicções, amor proprio e interesses pessoaes, collocamos o Bem geral, a Verdade e a Justiça.

Fique isto dito de uma vez para sempre, e que os nossos julgadores, nos façam melhor justiça.

A nossa qualidade de director d'esta *Revista*, não deve excluir da critica sensata os nossos actos publicos e as nossas conveniências; assim o entendemos, sinceramente.

A missão da *Revista de Cabo Verde* é muito mais nobre.

E se por desusado, alguém duvidar de tanto altruísmo, submetta-o a provas. Está dito tudo.

E depois d'estas francas e cathogoricas declarações, tambem deve ficar comprehendido nitidamente que não são só ás doutrinas consentaneas com o nosso modo de vêr, que damos publicidade; — cada um toma a responsabilidade das que expozer n'esta *Revista*.

Tudo isto era dispensavel dizer-se n'um meio acostumado ao jornalismo, porque são coisas de primordiaes noções; mas desgraçadamente, aqui não são comprehendidas por toda a gente; e é preciso explicar e reexplicar-o enfadonhamente, o que torna muito penosa a situação do director d'esta *Revista*.

Emfim... isto é um preceito Evangelico.

\*  
\* \*

Tambem tem entrado em duvida a pureza da intenção d'algumas expressões mais benevolas da nossa *Revista*.

Isto é ter pouca caridade com o proximo.

Pois não haverá em todo o Cabo Verde uma meia duzia de homens publicos ou particulares que mereçam do publico elogios e applausos aos seus actos?

Desgraçada terra, se tal succedesse! E desgraçado paiz, onde o merito e a virtude não encontrassem louvores e premios!

Querem que só se fustiguem os mãos?

Que exemplo de Justiça seria esse?

Mais senso, senhores Neros.

E o mais extraordinario, é que alguns querem commandar, mas por detraz da porta, os arrojados soldados, que defendem a causa publica; — para no meio do ardor da batalha, sahirem do esconderijo, caminho do palacio, a narrar as peripecias da lucta, saboreando o chá palaciano, e vindo depois cá fora dizer que estamos sob um forte regimen de economias e miserias governamentaes, que entorpecem e atrophiam o desenvolvimento da provincia.

Muito bem!

Mas, venham dizer tudo isto na *Revista*, com demonstra-

ções palpitantes, com alguma coragem mais do que a precisa para estar atraz de uma porta a incitar os outros para o meio da rua, e verão que a nossa modesta *Revista* os receberá de braços abertos, ao som de hymnos marciaes e entusiasticos, como valentes campeões e leaes amigos e defensores do povo de Cabo Verde.

E não o fazendo, seja por falta de coragem, ou de cabedal, seja por preferirem a lucta desleal e traçoeira, — nós, em nome do povo por quem estamos combatendo, recusamos reconhecer-lhes o direito de nos censurar.

O povo, essa collectividade anonyma, que se convulsiona na tremenda lucta pela vida e morre de misérias na inconsciência dos seus direitos, illudido ate a ultima pela classe privilegiada e pelos governantes, não accêta nas suas fileiras generaes que não combatam ao lado d'elle.

---

Eis o artigo a que nos referimos no começo:

Vejam como se advogam os interesses geraes. Imitem, se puderam, o sr. José Dias.

E' com a penna na mão e expondo-se á critica, que se conhecem os servidores da causa publica.

O DIRECTOR.

---

### A luz electrica em S. Vicente

Acabo de lêr no n.º 2 da *Revista de Cabo Verde* um pequeno artigo, em que se dá a noticia do projecto da illuminação da cidade do Mindello a luz electrica, affirmando-se ali que a sua realisação por parte do Municipio, seria o melhoramento mais importante que este poderia dar aos seus municipes.

Permitto-me de discordar d'esta opinião, salvo o devido respeito pelas contrarias, e como este assumpto é de interesse vital para a ilha de S. Vicente, apresento-me a discutil-o desassombradamente, porque entendo ser do dever de todos nós fazer luz sobre taes assumptos.

A meu ver não é viavel, esse melhoramento, porque

---

elle representaria um exaggero de luxo, incompativel com os actuaes recursos d'este Municipio.

Para leval-o a effeito não bastaria a modestissima receita, de doze contos de réis, que teve o Municipio: tornar-se-hia indispensavel recorrer a um emprestimo; e de quanto? Nada menos do que quinze contos de réis!

Ora, a ter-se de lançar mão d'este meio, parece-me que mais bem applicado seria o emprestimo em outros melhoramentos de mais instante necessidade e mais harmonicos com as condições da localidade—como o calçamento das ruas, a limpeza e conservação d'estas; a arborisação; o abastecimento d'agua bôa para o publico (gratis); uma escola de linguas; um talho municipal; melhorar o serviço de incêndios; o saneamento da *Salina*; a construcção de um lavadouro e de casa para banhos publicos, e outros melhoramentos que dependem de estudo.

N'uma terra como S. Vicente, em que ás 9 horas da noite só se encontram pelas ruas os cães vadios e alguns raros policias dormitando tranquillamente no canto de uma esquina, a luz electrica seria o maior dos disparates, e só serviria para pôr melhor em fôco as miserias municipaes e as disparatadas taboetas que negrejam por estas esquinas, com alongados nomes prehistoricos, dando a impressão sombria e funebre da Camara defuncta — Barcellos.

Que a actual Commissão Municipal, melhore a illuminação existente, adquirindo bocaes de maior força, que tenha bons fiscaes e zeladores, que cuide da limpeza das ruas da cidade, com mais carinho, que proceda aos melhoramentos urgentes átraz apontados, que se não enerve em tibiasas e receios pueris, terá assim cumprido a sua missão, e merecerá os justos applausos e sympathias de todos nós.

Fôra d'isto ninguem de bom senso lhe cantará louvores, a despeito mesmo das prestimosas qualidades dos seus membros.

JOSÉ DIAS.



## NOVA REFORMA TRIBUTARIA

Algumas gazetas do reino noticiam o apparecimento de uma nova reforma tributaria, a qual, muito naturalmente, conduzirá a um novo aggravamento da contribuição predial; e, — vejam lá a que extremos de insensibilidade chegamos, — esta noticia, de primordial importancia como é, pois que visa, directamente, maior desangramento do contribuinte, a ninguem grandemente surprehendeu.

De tal modo nos habituamos a peiorar que, nunca outra cousa esperamos sempre que nos horizontes da governança reponta uma reforma.

Conheço pessoas muito respeitaveis e não menos saturadas de doutrinas optimistas que, sempre que em sua presença se critica e se deplora o constante augmento das nossas contribuições, tapam a bocca aos discreteadores com a seguinte irrespondivel conclusão: Não ha duvida que pagamos mais; mas tambem é incontestavel que nós progredimos.

E, digam lá, se não é caso para se dar a essas pessoas, resalvando as respectivas respeitabilidades, com aquella do anexim: *Nós tem o diabo nas tripas!*

Porque se, n'esse constante augmento de encargos ha alguem que engorde ou progride, não é, com toda a cer-

teza, a nação; que não lhe vejo muita copia de sebo; e, sebo, deve ser a mais positiva manifestação de progresso, na economia animal. Ou então, não sei que mal deu no Estado que, quanto mais come, mais emmagrece.

Accrescenta mais a gazeta d'onde extrahi esta noticia da reforma tributaria, que *a contribuição predial podia produzir muitissimo mais, sem se augmentar a percentagem e sem aggravo do contribuinte*; e conclue que, esse trabalho, porém, demandava a auctoridade moral, desprendimento e não sei que mais predicados obsoletos, em geral não muito uzados na pratica governativa.

Ora, na verdade, se isto fosse um povo que merecesse o nome de povo; isto é, uma collectividade consciente dos seus direitos; uma aggremação de homens com instrucção sufficiente que dêsse o conhecimento da propria força e os meios de, com justiça e criterio, exercer, energica e beneficentemente, essa força; se isto consubstanciasse uma opinião livre e emancipada, — affoutava-me a dizer o seguinte:

— Meus senhores: pensem e resolvam o que ha a fazer para que a provincia de Cabo Verde não seja attingida por essa nova reforma tributaria em incubação no cerebro dos legisladores portuguezes.

E, v. ex.<sup>as</sup> que, no caso acima dito de perfeição moral e intellectual, teriam, é claro, nas camaras portuguezas deputado que o soubesse ser, ordenar-lhe-hiam desamuasse da cabeça eloquências demosthenianas que conjurassem o perigo nascente de novas sangrias.

V. ex.<sup>as</sup> porém, que têm mais que fazer porque são negociantes, ou empregados publicos collocados sob uma terrivel espada de Damocles, limitar-se-hão aos frouxos platonismos do costumê, ás rompancias valentônas á meza do jantar, entre o café e o grog, ás explosões atrabiliarias em roda de amigos, e, a mais nada que produza maior ruido; arcando assim, v. ex.<sup>as</sup>, não só com os augmentos de percentagem, que é muito, senão com a quebra de dignidade que não pode ser mais assombrosa.



## A criação de uma comarca em S. Vicente

---

Corre uma representação, assignada já pelos principaes negociantes e proprietarios d'esta ilha, pedindo ao governo de Sua Magestade, a criação de uma comarca em S. Vicente.

Não ha realmente pedido tão justo como este.

O concelho de S. Vicente, pela sua importancia, está de ha muito, reclamando este beneficio.

Já o Regimento da administração de justiça de Cabo Verde, reconhecendo as especiaes condições d'este concelho, estabeleceu ao Juiz Municipal d'este julgado, competencia e attribuições, quasi eguaes ás do Juiz de Direito; mas ainda assim, algumas outras disposições do citado Regimento, e nomeadamente as do art. 44.º, facultando recurso de *todos os despachos e sentenças dos Juizes Municipaes*, — contrariam enormemente as outras vantagens que se quiz conceder ao julgado de S. Vicente.

O pouco espaço de que podemos dispôr hoje, não nos permite dar o devido desenvolvimento a este assumpto, o que faremos opportunamente.

---



## O fomento colonial

---

Appareceu já publicado em grande numero de jornaes do Reino, o parecer do commercio de Loanda, sobre a recente circular do sr. Eduardo Villaça, digno Ministro da Marinha, e o commercio de Cabo Verde, que tanto tem a dizer sobre o assumpto, não deu, que nos conste, ainda um unico passo n'este sentido!

É uma vergonha, um descredito, para a classe commercial de Cabo Verde, se deixar de aproveitar tão favoravel ensejo para expôr as suas necessidades.

É depois gritem ao vento contra os rigores e as incoherencias da pauta, das percentagens dos vales do correio, do abuso dos cambios, da exorbitancia dos fretes da Empresa Nacional; gritem contra o novo itinerario dos vapores d'esta empresa, contra o novo Regulamento da contribuição de registo, e contra a Repartição de Fazenda, e verão, meus senhores, que os vossos clamores lançados ao vento, não serão escutados e attendidos, porque as rajadas do vento levaram-nos para as altas camadas das nuvens.

Não é no pateo da Alfandega, á porta da botica e das lojas, que deveis discutir e protestar contra as medidas que aggravam a vossa situação e os vossos interesses; é

unindo-vos, formando uma associação, aggremação ou liga, que estude, discuta e represente os vossos interesses, com critério, competência e auctoridade, que podereis conseguir melhorar a vossa situação e fazer algum peso na balança política.

Fóra d'isto, convencei-vos, nunca a vossa classe, aliás importante, merecerá do governo a atenção e consideração, a que tendes incontestavel jus.

---



## PRUDENCIAS

---

A indole pacifica dos cabo-verdeanos é unanimemente reconhecida por todos os que teem vivido em Cabo Verde; não só por aquelles cujo mister de segadores desalmados nunca entestou com protestos da nossa parte, como por esses cujos trabalhos e luctas de pugnar por nossos direitos e interesses, nunca tiveram noticia da nossa energia nem sequer se estribaram no nosso apoio moral.

Porque nós, honra nos seja feita, com excessivo resguardo cultivamos uma exotica prudencia, a qual não me parece ter ainda classificação psychica conhecida. Uns a dizem prudencia; alguns, egoismo; outros, ainda, frouxidão. O certo é que ella participa de tudo isso e, com o seu mixto de abstenção com resaibos de gravidade, de cobardia com fumos de pratica de viver e de servilismo com ares de asisada pacatez, concorre para nos abonar esse renome de homens pacificos, cordatos, serios e prudentes.

Entretanto, a essa hybrida prudencia, força é dizel-o, não se lhe ajustam nem o pensamento de Cicero: — *Sem prudencia é rara a virtude*, — nem a sentença de Socrates: — *Posto que a prudencia não abranja todas as virtudes, virtude completa não ha sem ella*; — antes, melhor se

acommoda nas palavras de Boileau: — *O receio d'um mal faz muitas vezes resvalar n'outro mal.*

É, pois, a prudencia Cabo-verdeana, mais um irrefletido receio de affrontar males que podem, mais ou menos facilmente, ser vencidos, que uma serena experiencia de evitar um golpe sem deixar alvo a maior golpe; mais um instincto de conservação pessoal, que leva cada qual a cuidar de si, que juizo esclarecido, que avisada previdencia de evitar combate e prevenir, com maior firmeza, a defeza collectiva; mais egoismo, em summa, que prudencia.

Não sei se isso nos está na massa do sangue, ou se é o resultado da defeituosa educação moral que recebemos; o que sei, é que é a origem de todas as desgraças que nos teem attingido, desde as custas fazendarias e os direitos do arroz, até ás custas judiciaes e á interdicção das camaras municipaes.

De passagem, é conveniente notar-se a peregrina significação que os meus queridos patricios dão a esta palavra — *desgraça*.

Entre nós, desgraça é o facto de emprehender lucta independentemente do resultado d'ella ou da justiça da causa que se defende; assim como felicidade, diametralmente opposta, é o estado de completa quietação, de absoluta tranquillidade moral e physica, independentemente de maior ou menor peso de ferro nos pés. Correcto molinismo em acção.

Assim, por exemplo, quando olhamos para um paiz, como Cuba, lançando-se denodadamente á lucta em prol da sua independencia e que, alfim, a conquista, á custa de muito sangue, de enormes sacrificios; quando contemplamos esse povo vertendo sangue por mil feridas, mas hasteando, n'uma auréola de heroismo, a sua livre bandeira, sobre campos lambidos de incendios, juncados de cadaveres, fumegando pelos escombros a respiração acre das grandes devastações, nós, os homens da ordem e da obediencia passiva, murmuramos muito arripiados e verdadeiramente compadecidos: *Desgraçado povo!*

E, contrariamente, quando se nos vão olhos e coração para os espectaculos que offerecem algumas douradas escravidades e que contemplamos os povos habituados á gar-

galheira, arroteando tranquillamente os campos dos seus senhores, searas a ondular as aragens da paz, sob o immenso olhar azul do céu, campanarios a resarem ao longe, casaes a fumegarem o tenue fumo dos lares fartos; quando olbamos para a Irlanda, por exemplo, sem independencia, sem existencia que se erga do parasitismo, sem emancipação para o espirito, sem futuro para a historia, sem possuir sequer a terra onde é enterrado, murmuramos sinceramente enlevados: *Felicissima gente!*

Singulares, como se vê, em tudo, não admittimos que ninguém (com excepção dos nossos superiores hierarchicos; esses não são *ninguém*: são *alguem*...) nos venha dizer o contrario d'aquillo que pensamos; porque, é tambem doloroso dizel-o, a nossa ideia não a aquecemos ao fogo do cerebro, senão no calor da algibeira; e o nosso coração não nos bate no peito, senão que nos lateja no estomago.

Levam-nos os nossos ideaes (ideal entre nós é alvo, ponto de mira material, ideia fisgada, unica cousa para cujo conseguimento deitamos a mãosinha de fóra) á abdicção de todos os deveres de livre cidadão; retem-nos na absoluta renuncia de entrar, com qualquer sacrificio, em tudo quanto, directa ou indirectamente, interessa o nosso bem collectivo; e, consequentemente, nos conduz á abdicção de direitos garantidos, os quaes, consuetudinariamente, vamos, pouco a pouco, derogando.

Concluindo, se, como não é ponto de duvida, a prudencia é uma virtude, a nossa, como tenha tomado inclinações viciosas, deixou de ser prudencia para se constituir em legitimo egoismo; posto que em algumas das suas manifestações apparencias de virtudes a afeioem.

Vêmol-a ás vezes no meio de arbitrariedades e corrupções, permanecer n'uma nudez com laivos de dignidade, sem empunhar chicotes, mas tambem, sem agitar thuribulos; outras vezes, e quantas! sentimol-a justificar o dicto de Champfort: *queimando-nos a casa para frigir os seus ovos*.

Umaz vezes é a abstenção digna de quem não quer enlamear-se; outras vezes é a cumplicidade tacita de quem teme decidir-se.

Em certas occasiões adquire proporções evidentemente

sympathicas: assiste a espectaculo de publicas perversões; é o povo a agonisar com as entranhas retalhadas; é o Direito espesinhado; é a Justiça desvendada escolhendo as suas victimas; é a calumnia a conspurcar a honra; Judas aos beijos em Christo; e, ante taes horrores, talvez o sangue lhe reserva; mas crusa os braços e se não defende as victimas tambem não entra na saturnal; e assim, substancia a coragem moral dominando as suas paixões; isto é, é uma virtude.

Em outras, porém, transfigura-se; porventura, não dissimula; arranca a mascara e vae collocar-se no alto do catalogo de vicios ennumerado por S. Paulo a Timotheo...

Em todos os seus avatares, porém, a alma de Pilatos nunca a abandona: a proposito de tudo lava as mãos; lava, porém, só as mãos; o resto, n'uma lastima...

Entretanto, a posição fica-lhe garantida e, no fim do anno, a informação do chefe é um panegyrico, que póde não ficar gravado na historia, mas que, incontestavelmente, vae ao sr. ministro da marinha que saberá apreciar e galardoar o homem correcto, assiduo, prudente, sério e leal, que não praticou a leviana acção de comprometter o seu futuro a troco do futuro dos seus compatriotas.

E. TAVARES.



## PREGAR EM DESERTO

---

N'este momento, em que toda a gente fala da liquidação das colonias portuguezas d'Africa, cabe dizer algumas palavras com relação ás consequencias que, uma provavel occupação estrangeira, traria, fatalmente, sobre o futuro da ilha de Cabo Verde.

Com dôr o sinto e com vergonha o digo, entre as pessoas que, com tal ou qual auctoridade, podem alguma coisa dizer ácerca do futuro para que resvalamos, se umas, allumiadas pelo coração, impulsionadas por esse grande sentimento do patriotismo que não transige com as necessidades da algibeira, nem se rende ás contorsões do estomago; animadas per essa sublime fortaleza d'animo que dá a nota da mais lidima nobreza no character do homem: se esses taes repellem toda a ideia de tacita e passiva submissão a qualquer outra bandeira que não seja essa a cuja sombra nos acostumamos a soffrer, e cujas côres, — symbolo não só do passado cuja grandeza não redime do apoucamento do presente, mas d'uma esperanza de regeneração no futuro — adoramos a ponto de preferir á dourada e infamante felicidade de passar a ser estrangeiros, que se nos offerece, esta inexcedivel mas honrosa desgraça de morrer portuguezes, sem nunca pedir, em paga d'esse profundo amor que consagramos á patria de nossos paes,

a ineffavel compensação da sollicitude que ella nos nega, — outras, talvez a maioria, dotadas d'esse prosaismo mercantil que, desde Cresus a Rotchild, nenhuma ideia que illumine, que guie, que redima tem engastado no firmamento da humanidade, — praza a Deus que, n'um dado momento, se não atirem á ignominia de mudar de patria como quem muda de camisa.

Em que pese aos instinctos praticos d'essa maioria, não hesito affirmar que, é grande erro esperar que, sob a dominação de qualquer das grandes potencias civilisadoras, que sobre nós estendem vistas cubiçosas, mais claros horizontes se nos abrirão.

Poderão, inglezes ou allemães, impulsionar, com mais efficacia, o progresso de Cabo Verde; nós cabo-verdeanos, porém, sob o implacavel azorrague dos fulvos pretorianos do norte, iremos, indubitavelmente, — porque o exemplo da historia nol-o attesta, — occupar as ultimas camadas d'essa mesma sociedade em que ora somos os trunfos, os preponderantes. As libras inglezas poderão refflorir as nossas devezas e engrinaldar as nossas escavadas montanhas de luxos primaveris; porém, — ai de nós, — o nosso sorriso puro de pobres livres crestarnol-o-ha o asperrimo desprezo dos novos senhores; e, esses amaveis inglezes da portuguezia ilha de S. Vicente, esses sympathicos rapazes que, hoje, de sorriso em riste, em toda a ruidosa bizzarria que os caracteriza, nos distribuem os seus effusivos *shake-hands*, passarão, amanhã, dominadores, na ingleza ilha de S. Vicente, a envolver-nos, lá do alto do seu orgulho saxão, no mais frio e acabrunhador desdem.

E esse desdem, — digamol-o bem alto para que nos ouçam aquelles que mais alto estiverem, porque não falamos ao povo analphabeto, irresponsavel, sem noções de patriotismo, que hade, de braços abertos, receber quem lhe traz luz e pão, e não hade estranhar o chicote, habituado como está á espora; — e esse desdem, saibam-n'o os que nos dão a impressão de que o ignoram, não tanto visará os que, por qualquer forma ao alcance dos respectivos temperamentos e instrucção, — ou lançando mão de violencias, ou encerrando-se dentro das dignas e dolorosas abstenções — lavrarem seu protesto contra qualquer nova ordem de coisas, — como attingirá esses que, á sombra d'uma nova

bandeira, aos pés de novos senhores, se reservarem o desempenho d'aquelle tristissimo papel de fêra aulica de que fala o philosopho de Sinope.

Porque os homens de honra, os que possuem a santa religião do patriotismo, jamais confraternisarão n'um á vontade de igual para igual, com os que, gostosamente, cospem nas aras da patria e rasgam a bandeira da nação de seus paes. E os inglezes, não o podemos negar, amam demasiadamente a sua Inglaterra para que d'elles possamos esperar desculpa para esse horrendo crime de renegação; e, posto que sejam essencialmente homens de negocio, é erro affirmar que não sejam, tambem, homens de coração. Ainda mais: mesmo admittindo que elles só sejam homens de dinheiro, sem chôrume de dignidade, não podemos negar-lhes essa finura de vista, essa certeza de calculo, esse dom de providencia que os faz os homens mais praticos do mundo; e, como taes bem saberiam o que havia a esperar da constancia e da fidelidade de meia duzia de confessos renegados.

É mister, pois, meus pobres e desavisados patricios; é mister, pelo menos, prevenir o choque brutal das decepções. E, já que, pelo amor da patria, não podemos ser outra cousa mais nobre,— sejamos, pelo amor da pelle, um pouco mais desconfiados; que, já Demophilo aconselhava desconfiança nas promessas dos homens, e, Theophrasto dizia que, ella, a desconfiança, põe-nos de sobre aviso contra toda a gente.

Notem, de passagem, que, estas citações de antigos pensadores, faço-as de proposito, não vá, mais ou menos gratuitamente, alguém attribuir origens suspeitas e peiores fins a este meu modo de pensar.

Todavia, entenda-se, eu não aconselho que, dada a desgraça de uma occupação estrangeira, os pacatos se levantem em protestos platonicos, os circumspectos se abstenham de tomar parte na festa de actividade que os novos senhores imprimirão á vida cabo-verdeana, e os loucos abandonem os penates e se despechem, ahí pelas encruzilhadas, em assanhados guerrilheiros. Não, senhores. Demais conheço o alcance da nossa dignidade e, quiçá, a força da nossa coragem civica; não é ponto de duvida, pelo menos para mim, a verdade da fama de povo obediente e pacifico

de que gosamos; e, menos ainda ignoro o invencível horror que nos inspiram desordeos e motins, para que me desacotoe ahí em pregador de guerra santa n'este nosso santissimo deserto.

O luxo de dar que falar de nós ás gazetas e de dar que fazer ao ministerio publico podia-nos custar os olhos da cara; e, de sobre estar a nossa coragem tão experimentada como o nosso patriotismo, todas essas cousas iriam, até certo ponto, implicar com a ideia do fogão, dos confortos domesticos, do agio das libras, dos bailes do telegrapho, da dentição dos filhos, da enxaqueca da esposa e de mil outros nadas que, ás vezes, por extranhas confluencias dos acontecimentos, tomam proporções de intransmontaveis difficuldades...

Não, senhores; nada d'isso aconselho. Seria sandice propria d'esses mal acabados Diogenes, que não têm estomago, que não têm olhos para enxergar os homens, nem juizo para os julgar; os quaes cynicos, em morrendo, não serão enterrados ás portas de Corintho, nem terão sobre a campa um cão de marmore de Paros; senão que serão postos de infusão em calôres de estrumeira com cães de carne e osso a disputar-lhe a carne e os ossos.

Não, senhores; eu não faço isso; não aconselho intransigencia, nem insubmissão, nem dignidade; simplesmente peço aos meus queridos patricios leiam com um bocadinho de attenção e, depois de ler, pensem com um bocadinho de criterio n'aquella sentença de Cicero,—a qual para me dar mais ponderativa auctoridade e maiores ares de letrado, deixo aqui em latim: *Non utilitate omnia metienda sunt.*

---

E. TAVARES.



## AGRICULTURA E COMMERCIO

---

Pobrissima é a agricultura de Cabo Verde, e comtudo o seu solo é uberrimo e produz com poucas chuvas. As suas culturas são susceptíveis de aperfeiçoamento e podiam notavelmente augmentar com mais algum trabalho.

O indigena, porém, como se sabe, é pouco dado a innovações,—que a custo comprehende—, e não quer sahir da rotina ou porque a intelligencia o não illumina, ou porque a indolencia da sua raça o não ajuda a maiores commettimentos.

E no entretanto é preciso que o governo, com medidas sabiamente estudadas, e que a iniciativa particular, com o exemplo e a persuasão, façam entrar a provincia n'um periodo de adiantamento que já tarda.

Que quantidade de terrenos perdidos, uns mal aproveitados, outros incultos, se encontram por essas ilhas todas!

E porque, perguntarão?

É ardua a tarefa de responder, sem ferir susceptibilidades, sem ter de dizer verdades amargas.

Em parte cabem culpas ao governo.

Todos sabem que as ilhas de Cabo Verde são sujeitas a periodos de escassez, por falta de chuvas regulares, resultado reconhecido da falta de arborisação, que pouca, mas devastada, não tem sido substituida.

Providencias rasgadas, energicas, violentas mesmo, são urgentes para restabelecer o equilibrio meteorologico de Cabo Verde.

A successão de annos, como os que acabamos de atravessar, empobrecerão de todo a provincia e o governo não terá meios de acudir a tanta gente com fome.

Essas providencias deviam resumir-se, a meu ver, em duas medidas principaes, como pontos de partida e seriam a divisão em zonas dos terrenos para o effeito da sua successiva arborisação e a absoluta e terminante prohibição da divagação do gado caprino nas zonas que se estejam arborisando.

Nesta parte cabem tambem culpas aos particulares.

Os grandes proprietarios que podiam arborisar os seus terrenos, sem esperarem a iniciativa do governo, não o tem feito e os rendeiros muito menos.

Além d'isso a agricultura resume-se ás rudimentares sementeiras do milho e do feijão, ás plantações de batata doce e mandioca, ao cultivo da canna saccharina e do café.

Mas que quantidade de terrenos susceptiveis do cultivo do café que ainda estão incultos? Que extensas planicies, onde se não semeia milho, feijão e outros legumes?

Ha zonas na ilha de S. Thiago onde os terrenos dão tudo o que se produz na Europa, de tão boa ou melhor qualidade.

Pois ha pouco tempo não havia na cidade da Praia uma unica cebolla, e batata ingleza á venda no commercio, quando é certo que vimos, em tempo, n'uma propriedade de S. Domingos, cebollas que rivalisavam com as do Reino se não as offuscavam!

Mais ainda a monomania do commercio faz de cada homem valido um commerciante. Ha até quem abandone as terras para fazer negocio, tirando por fim o resultado de em pouco tempo perder terras e capital, porque são tantos os commerciantes e tal a concorrência, que os lucros são quasi sempre negativos.

Não comprehendem que para augmentar o commercio é preciso que augmentem as producções e que é na proporção das exportações que as importações se elevam: Mas n'um paiz, onde, a mór parte das vezes, estas são supe-

riores áquellas, que commercio lucrativo póde haver para tanto se subdividir?

É pois indispensavel tratar a serio de duas cousas em Cabo Verde, para a sua regeneração: — promover a sua arborisação, aperfeiçoar a sua industria e augmental-a tanto quanto ella é susceptivel de o ser.

Se não se fizer isso continuará o seu estacionamento, se não se agravar a sua decadencia.

Praia, 24 de Dezembro de 1899.

A. DE A.



## CABO VERDE

NA

### VANGUARDA DAS COLONIAS PORTUGUEZAS

---

Disse ha tempos no parlamento um dos nossos estadistas que as ilhas do archipelago de Cabo Verde podiam e deviam ser consideradas como «adjacentes», porque a sua importancia, situação geographica, costumes e instrucção dos seus habitantes a isso lhes dava jus. E, em verdade assim é.

Pelo que respeita á instrucção, que o justifique esse bando de poetas e prosadores, cujas obras e escriptos disseminados correm mundo e teem merecido calorosos applausos dos nossos melhores litteratos e poetas; pelo que respeita a costumes e condições materiaes, nós que somos insuspeitos, porque somos europeus, não trepidamos em affirmar que não são inferiores ás de algumas das nossas provincias continentaes.

E tanto assim é, tanto assim o teem entendido os nossos governos, que, com pequenas excepções, vigoram aqui todas as leis do reino.

Aproveitar, pois, a opinião d'este sabio parlamentar, seria um enorme beneficio para a provincia, e mais do que

isso, um preito de homenagem rendido aos filhos d'ella, tão sympathicos e dignos a todos os respeitos. E tambem porque já é tempo de cuidarmos a serio do futuro das nossas colonias, talvez muito proximo, a unica salvação da mãe patria.

O solo da provincia, em annos de chuvas, é uberrimo; porém, os seus productos não encontram collocação conveniente, porque os direitos d'entrada em Lisboa são quasi prohibitivos, como sendo de producção estrangeira.

Ora, tendo o beneficio que estão tendo os da Madeira e Açores, o progresso seria outro, e animava a novas empresas agricolas, prosperava o commercio, e por consequencia os créditos do thesouro.

E não se pense, pelo simples facto de se chamar a Cabo Verde provincia africana, tão africana como a Madeira e Açores, que aqui ha só pretos e selvagens. Aqui, em geral, ha menos selvagens do que em algumas provincias europeas e a pura raça preta tende a ficar extincta. Ilhas ha onde se veem menos pretos do que em Lisboa, e os que ha são tão intelligentes e civilizados como os brancos.

Unamo-nos, pois, europeus e caboverdeanos e pugne-mos sem tréguas pelo engrandecimento da patria da fallecida Guiomar Torrezão, do mimoso poeta Luiz Medina, tambem já fallecido, e dos não menos laureados poetas Eugenio Tavares e José Lopes da Silva.

J. B.



## A VOZ DO PORVIR

### I

Houve um tempo em que as Nações da Iberia dividiram entre si o imperio do mundo.

N'aquelles dias, que fugiram, os filhos da Lusitania eram fortes e nobres: e os que tinham as redeas do governo cheios de crenças e virtudes civicas.

Os dois paizes, levando as suas armas aos confins da terra, impuzeram o seu jugo ao universo inteiro.

Desconhecidas portas abriram-se á civilização christã; e occultos continentes alvejaram á prôa das náos peninsulares.

E a Iberia foi grande e temida n'essas epochas douradas da sua historia!

E as Nações, que hoje sulcam poderosas os mares que ella descobriu, eram então humildes; e curvavam-se respeitosas perante os seus decretos!

Da Asia e da Africa, d'um lado, e d'outro lado, da America, chovia-lhe o ouro nos seus ricos cofres: e o proprio mar parecia dar abrigo ás quilhas portuguezas!

É que a Religião Sublime de Jesus povoava as grandes almas dos Avós: e a Justiça não era um sonho fementido.

A cruz era o labaro que tremulava nos mástros dos barneis ibericos: e Deus a estrella que os guiava ao lóngo!

## II

A corrupção, porém, breve invadiu o coração do povo; e, como na antiga Roma, as riquezas perverteram as almas dos heroes!

Grande foi o poder das terras de Mezzaïm, e os dias de Ninive immortalisaram-se na historia.

O poder babylonico, a vastidão de Roma, e o prestigio da Grecia: a grandeza dos Persas e o dominio dos Arabes, registou-os a Historia na imaginação dos seculos.

Mas d'elles o que resta?—O esqueleto desolado das Pyramides marmoreas, e uma pagina fria no livro do passado!

Tambem o velho leão de Castella, envolto na sua juba d'ouro, esqueceu-se dos ensinamentos dos seus antepassados: e os seus proprios filhos revoltaram-se contra elle.

E justa era a peleja de Cuba contra a Hespanha; porque a liberdade d'um povo está logo abaixo de Deus.

Mau é o revoltar-se contra a Mãe Patria, quando o povo é feliz e bem governado.

Mas é um crime não morrer pela Patria no dia annuiado e infame da Injustiça!...

## III

Portugal, o paiz da minha sympathia, fechou seus olhos envergonhados á luz ardente da Experiencia.

Volve os olhos para a sorte da tua irmã mais velha, ó Lusitania! e corre depressa a acudir teus filhos.

Não retardes o momento da tua regeneração: porque grandes são as tormentas que te estão reservadas!

Ouve os gemidos d'aquelles que creaste: porque se te amam sobre as outras nações, amam a liberdade mais que a propria vida.

Não desprezes aquelles de quem pôdes esperar um dia, para que possam servir-te no dia da tribulação!

E assim dar-te-hão o seu sangue na hora extrema das conflagrações... e morrerão contigo, se tiveres de morrer!

Portugal! Portugal! paiz do meu amor! accorda depressa  
do teu profundo somno!

O Passado passou, para não voltar mais! Resta-te cami-  
nhar para os dias hem tristes do Porvir!...

Bôa Vista.

JOSÉ LOPES DA SILVA

---



## PLANO GERAL DAS OBRAS A EXECUTAR EM CABO VERDE

---

Foi com a maior satisfação que vimos publicado no Boletim Official da provincia, uma determinação emanada do ministro da Marinha e Ultramar aos governadores das diversas provincias ultramarinas, para formularem um plano geral das obras a executar, no qual se comprehendam a construcção de estradas e vias ferreas, o melhoramento das communicações maritimas e fluviaes, o estabelecimento de linhas telegraphicas, edificios publicos, pharoes, trabalhos de irrigação e saneamento e outros que mais possam concorrer para o desenvolvimento das colonias, devendo indicar-se e justificar-se a ordem de preferencia das diversas obras.

Já em o nosso anterior numero referimo-nos á lacuna que existia de um trabalho d'esta ordem, e apraz-nos vêr o nosso pensamento convertido em uma determinação superior.

Nada effectivamente ha mais conveniente para o desenvolvimento economico das nossas colonias, do que a elaboração de um plano geral de obras a executar em cada provincia, onde se attenda a economia possivel e a realisação de trabalhos de geral e reconhecida utilidade.

Mas, a dificuldade e o ponto capital agora, está na indicação d'essas obras, e por isso, pedimos aos nossos estimáveis e esclarecidos correspondentes de todas as ilhas do archipelago, nos habilitem com dados seguros e conscienciosos, a formar um plano, que submeteremos á apreciação dos poderes competentes.

---



## IMPOSTOS

---

A proposito do 1  $\frac{1}{2}$  % sobre a importancia dos vales ultramarinos, pessoas que não estão á altura de comprehender os expedientes de que o governo da metropole lança mão para procurar estabelecer isso a que dá o nome de equilibrio orçamental, — tem dito, (com o que fazem suppor que o tem acreditado), que, esses accrescimos de percentagens, com que se onera transferencias de fundos para os mercados fornecedores, são obstaculos que o governo levanta ao commercio, para, acintosamente, lhe embaraçar as transacções. Eu, porém, posto que muitissimo apoucado em conhecimentos politico-commercialles, affoutamente me affasto d'essa opinião, e todo me inclino a crer que o fim a que o governo visa não é tão impertinente como maus julgadores o querem fazer: não é levantar tropeços ao commercio, senão fazer com que elle caia com mais esses tantos réis que levem a sua debil confluencia á depauperada economia publica.

Pensando assim, no entanto, não affirmo que não ande errado; duvido, porém, e muito sériamente, que esteja muito longe de acertar.

Não se me dava, tambem, affirmar uma outra cousa, a qual, sem perigo de erro tambem pode ser admittida como expressão de verdade; e vem a ser que, ao governo, não

tem faltado mais vontade que pretexto de augmentar a receita publica por um processo evidentemente pratico que dispensa locubrações aos propugnadores do nosso progresso material e não exige nem grande somma de capital para sementeiras e arroteamentos, nem maiores delongas de tempo para a maturação e colheita dos fructos: sobrecarregar, summaria e simplesmente, os contribuintes.

Isso affirmo; e penso que, para ser posto em duvida é cousa assaz conhecida e demasiadamente sentida, principalmente por aquelles que pagam em uma como que inconsciencia do que fazem, sem nunca perguntar o porquê das novas exigencias, sem nunca levantar o mais fraco protesto; prova inegavel de que se habituaram a duas cousas tristes: ao quotidiano augmento de encargos e á inefficacia dos meios platonicos de reclamação.

De mez para mez se avoluma o imposto do sello.

De anno para anno inventam-se novas contribuições e augmenta-se a percentagem das já estabelecidas: é a contribuição de renda de casas, são os 5 % para conservação d'estradas, é o novo regulamento para a contribuição de registo por titulo oneroso, e outras tantas!...

E, ainda que estejamos já habituados a ver o creoulo, taciturno, cabeça curvada, uma immensa tristeza nos olhos baixos; umas vezes, na estúpida inconsciencia das profundas ignorancias; outras vezes, na profunda atonia dos grandes soffrimentos, — obedecer á primeira voz, empenhar as miseraveis terriolas, vender os brincos da mulher, para ir levar á fazenda a exorbitantissima percentagem que ella exige sobre um phantastico e irrealisado rendimento; ainda que os nossos olhos, todos os dias, se contristem n'esses espectaculos deshumanos e abusivos; — como de hora para hora a situação se agrava; como o absurdo da exigencia vae crescendo na rasão da passividade da obediencia; como a resignação, chegada ao termo, precipita, quasi sempre, para o desespero; e, pensando na inconstancia da natureza humana, na instabilidade de tudo, — Deus nos proteja, não vá toda essa muda concentração de desesperos explodir, e arremear comnosco para mais horriveis torturas.

Porque, em summa, tudo é de esperar n'esta desgraçada situação a que nos trouxe qualquer cousa que, pre-

cisamente, não é nem coherencia, nem juízo, nem senso pratico, nem critério, nem intuitos civilisadores, nem sciencia colonial, nem sequer sollicitudes maternas ou humanitárias da metropole.

Foi por este caminho que a pobre Hespanha chegou a Cavite e a S. Thiago de Cuba.

---

Ou senão, procure-se em todas essas leis que todos os mezes se revezam no regramento da nossa administração; n'esses regulamentos, todos os annos substituidos; n'essas portarias, modificando hoje o que hontem se estabeleceu; n'esses decretos reformadores que, os ministros, todos os annos, tiram a forceps á minerva portugueza, reformando sempre para mal, innovando sempre com prejuizos, — o que ha de allivio para o contribuinte ou sequer de favoravel para o progresso.

Nada. Antés, estudando-as, a essas leis, na sua essencia, nos seus intuitos, chega-se á desconsoladora comprehensão de que, de lei para lei se agrava a situação do contribuinte, sem que, positivamente, d'esse directo augmento da receita publica resulte mais desafogada situação do thesouro.

E d'ahi, não ha razões que desviem da conclusão de que, á confecção d'essas leis não preside clara ideia de justiça, não assiste grande copia de bases economicas, nem sequer se attende á conciliação generosa, sensata e util dos interesses da fazenda com os interesses do contribuinte.

De onde vêem as causas d'esse afan de ordenhar a torto e a direito, sem attender ás forças vitaes do ubero, sem reparar que as ultimas gottas de leite já vêm estriadas de sangue, — infeliz, ou talvez, felizmente, não o sabemos; aonde chegam, porém, os effeitos, bem o sentimos, por nosso mal.

A nossa embryonaria industria não tem protecções que a impulsionem; o nosso commercio, encurrulado, apertado dentro do ridiculo cinto d'essas muralhas chinezas adaneirãs, é levado á extremidade de cifrar todas as suas esperanças de vida nas contravenções; a nossa agricultura,

abandonada de Deus e dos homens, nem tem chuvas, nem possui esperanças de adquirir a verdadeira sciencia que liberta dos seus rudimentares e gentílicos processos; e, finalmente, todos os factores do nosso progresso moral e material permanecem no fundo d'esse criminoso desprezo que confina com a morte moral de um povo e que levou, ainda ha pouco, as grandes nações a collocar Portugal ao lado da Turquia e a aconselhar a eliminação da nossa nacionalidade, para maior desassombro da Civilização e do Progresso.

---

Esta é, pois, hoje, a verdadeira, a nítida situação da provincia de Cabo Verde.

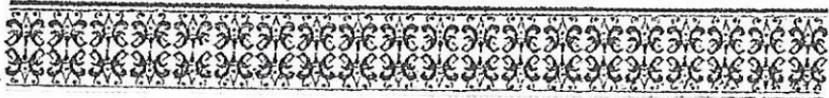
Será ainda tempo de remedial-a? Não sei. Eu, pelo menos, não sei; o que não quer dizer que não haja quem o saiba, posto que não appareça quem o diga.

O que eu sei é que, positivamente, inexoravelmente, descemos.

E; um dia, quando, cansados, fartos, de soffrer, enervados de fadejar por essa ignobil existencia parasitaria, bestializados pela miseria; — virmos o estrangeiro á nossa porta, com protecções, com affabilidade, com escolas, com abundancias, abrindo, aos olhos d'uma turba d'homens animalizados, uma larga perspectiva de futuro e de paz; — flores engrinaldando a horrivel gargalheira da escravidão, — quem lançará em rostro aos ignorantes; aos miseraveis, sem pão, sem luzes, sem noções de patriotismo, o crime; a indignidade de receberem seus novos dominadores como quem recebe libertadores?

Quem lhes atirará a primeira pedra?

E. TAVARES.



## INSTRUÇÃO PUBLICA

---

É altamente louvavel a idéa apresentada no n.º 4 d'esta *Revista*, pelo sr. L. Loff, para a criação de um Lyceu em Cabo Verde.

Para a realisar, porém,— vencidos todos os obstaculos que se lhe possam antepôr — impunha-se primeiramente a reforma da instrução primaria que, seja dita a verdade, muito deixa a desejar.

Alem de se carecer de professores habilitados, precisa-se, sobretudo, banir das escôlas o creoulo por completo. Sabemos que ha ordens terminantes para n'ellas se não fallar esse dialecto, mas tambem sabemos que na sua maioria se falla o creoulo ou um portuguez muitissimo acreeoulado.

D'aquí deriva que os alumnos que tenham de passar para uma escôla secundaria, irão com viciada pronuncia e uma acanhada bagagem de conhecimentos rudimentares.

Ha escôlas ruraes onde o afastamento da séde do concelho e a pouca fiscalisação n'ellas exercida, auctorisa muitos abusos deixando de cumprir-se os regulamentos respectivos.

Para obviar a estes inconvenientes necessario seria haver no futuro uma escrupulosa escolha nos individuos que quizessem exercer o magisterio primario, banindo d'esse

ramo de serviço todo e qualquér empenho, escolhendo homens para o mister de ensinar a mocidade em vez de dar as cadeiras de ensino a protegidos.

Além d'isso, a criação de logares de inspectores de instrucção publica para os dois grupos de Sotavento e Barlavento, impõe-se como uma instante necessidade.

O secretario geral do governo, a quem se attribue a inspecção das escólas, não pôde, pelos deveres do seu cargo, afastar-se da capital, e assim nunca poderão realisar-se inspecções regulares e amiudadas a todos os concelhos da provincia.

O conselho inspector de instrucção publica está hoje reduzido a dois vogaes, retalhado, como foi, pela reforma de 24 de dezembro de 1892.

A remodelação d'este conselho tambem é indicada. N'elle deviam ter assento, pelo menos, o secretario geral como inspector de instrucção publica e o chefe do serviço de saude.

Pugnemos todos pelo melhoramento da instrucção publica de Cabo Verde, e que venha cada um, com o seu alvitre e com o seu conselho, ajudar-nos n'esta santa cruzada.

A.



## A Empresa Nacional

---

Esta Empresa acaba de nos mimosear com um novo itinerario e uma nova tabella de fretes para a costa occidental d'Africa, que tem levantado n'esta provincia os mais justos protestos.

Effectivamente, ainda não sabiu d'essa Empresa monstruosidade tão grande, nem nunca vimos cousa que se pareça tanto com o que se qualifica de desacertado e incoherente.

A tabella de fretes dos vapores grandes é exorbitantissima e incoherente: estabelecê para Cabo Verde, que está apenas a 6 dias de viagem de Lisboa, o mesmo frete que para o ultimo porto de Angola, que gasta 28 dias de viagem.

É espantoso!

O novo itinerario dos vapores que fazem o serviço entre Lisboa, Guiné e Cabo Verde, não pode tambem subsistir.

Basta dizer que sahindo de Lisboa a 29 de cada mez, só vem chegar á Cidade da Praia no dia 13 e a S. Vicente a 20 do mez seguinte, isto é, com 22 dias de demora!

Imagine-se em que estado não chegarão a S. Vicente as cebollas, batatas e todos os mais generos de merceria!

O corpo commercial de S. Vicente vae representar, segundo nos consta, contra estas innovações da Empresa Nacional, se até lá, como é muito de presumir, ella não mandar voltar tudo á antiga.

Mas, é velho sestro nosso: pioramos sempre com as reformas!

JOSÉ DIAS.



## HUMILDE CAMPONEZA

---

Fomos honrados com a collaboração da gentil e exímia poetisa caboverdiana, que occulta n'este pseudonymo o fulgor de um talento invejavel, e uma alma sublime de artista.

Publicando em seguida os seis primôrosos versos, agradecemos á nossa illustre compatricia, a honra que nos conferiu.

---

A meu intelligente compatriota Viriato Gomes da Fonseca,

(Districto tenente d'artilheira)

---

Genial artista, talento sublime !  
Escutando a voz da tua lyra d'ouro,  
Minh'alma se curva como debil vime  
E, em mil transportes, se desata em choro.

Ha sob os teus dedos condão mysterioso  
Que arranca lamentos, delirante riso  
Das cordas do teu plectro maravilhoso,  
E que me transporta cel're ao Paraiso.

Vinde rouxinoes em bandos da floresta !  
Vinde lyras todas que tenho admirado  
Render homenagem á lyra modesta  
Do compatriota, do bravo soldado !

Oh, cercae-a de mimos e de bellas flores ;  
É soberana das harmonias vibrantes,  
Que minora um tanto d'esta vida as dores  
Mesmo nos seus trinôs tão agonisantes . . .

E, quando cingir-te os laureis da victoria,  
Quer nas salas, ou pelejando em deveza,  
Lembra que teus nobres feitos, tua gloria,  
N'alma soarão da «Humilde Camponeza».

S. Antão.

HUMILDE CAMPONEZA.



## PARTE RECREATIVA

---

### O CURANDEIRO D'ALDEIA

Estamos em presença de um velho já de seus 60 annos, baixo, encorpado, ainda agil e vivo, barba rapada, olhos penetrantes, voz energica e nervoza, tendo nos labios sempre um sorriso malicioso e sarcastico.

Passa na aldeia por ser o mais eximio e habil curandeiro e tem uma clientella enorme. É elle o medico da maioria dos doentes, cujas doencas apresentem manifestações nervosas, que o povo cré sempre provir de qualquer *maleficio*, *mau olhado*, *espírito maligno* ou *alma penada*.

Defronte d'elle está assentada n'uma velha cadeira de pau, uma rapariga de seus 18 annos, amparada por duas mulheres. Está n'um estado de grande prostração, com alguma febre, os olhos baços, os braços cahidos, suando copiosamente, tendo os cabellos cahidos e as faces excessivamente pallidas: não reconhece ninguem.

— Que tens, minha filha, pergunta-lhe o curandeiro, com voz branda e meiga, acariciando-lhe com a mão o rosto banhado em suor frio?

Como a doente não respondesse a esta pergunta, repetida tres vezes, o curandeiro franzira a testa, arregalando os olhos e n'um tom energico, e com uma voz forte e imperativa, perguntou asperamente:

— Quem és tu? Dize o teu nome já, já, anda, depressa!

A doente abriu um pouco os olhos e respirou cansadamente.

— Falla, falla já, intimava o velho curandeiro, puxando as orelhas á doente; anda, dize já quem tu és, senão arranco-te as orelhas!

— Chamo-me Leopoldina, respondeu hesitante e com voz arrastada e sumida, a doente, cujo verdadeiro nome era Maria.

— Ah! tu és Leopoldina, exclamou o curandeiro, radiante de alegria; ora espera que já te arranjo! E tu Maria, onde está o teu espirito?

— Ficou debaixo de uma pedra grande, lá na *Lavandaria*, respondeu ella.

— Ah, sim! Então vae já buscal-o.

— Não! respondeu a doente, estou muito fatigada, não posso! não posso!

— Não podes? Has de poder; espera e verás!

O curandeiro dirigiu-se a uma meza proxima e apanhou uma torquez; voltando para a doente, apertou-lhe com ella fortemente a orelha, ordenando-lhe que fosse buscar o *seu espirito*.

A doente, abrindo muito os olhos, disse:

— Já vou! já vou!

— Então anda e depressa.

A doente, cerrou os olhos e murmurou:— estou a caminho.

Decorreu meia hora, e n'este intervallo a doente fazia um esforço enorme com o corpo; as faces de pallidas, tornaram-se rubras; as pupillas estavam dilatadas; o suor era quente; os olhos avermelhados!

O curandeiro ia pouco a pouco afrouxando a pressão da torquez na orelha da doente, até que perguntou de novo:

— Já lá chegaste?

— Já!

— Já te apossaste do teu *espirito*?

— Sim.

— Então quem és tu?

— Sou Maria!

— Ora bem! Agora levanta-te e vae-te deitar um bocado.

Auxiliada pelas duas mulheres a doente levantou-se e foi-se deitar.

Em seguida começou a dormir profundamente.

Duas horas depois acordava, muito abatida, mas perfeitamente serena, reconhecendo as pessoas e as coisas, fallando com acerto, pedindo alimentos, queixando-se apenas de muito cansasso e fraqueza.

Nò fim de 3 dias estava completamente curada, occupando-se dos seus trabalhos habituaes, sem conservar contudo nenhuma reminiscencia do estado anterior.

A cura tinha-se operado sem duvida pela suggestão; empregada por um curandêiro d'aldeia!

Mas; para o povo, a doente estava enfeitçada.

E. LOFF.

## ESCRIVÃES

Encontraram-se dois escrivães á porta de uma tásca. Se exceptuarmos á pequena circumstancia de um d'elles saber mais *do officio*, que o outro, eram, quanto ao mais, dignos collégas um do outro. Se este, no protocollo das audiencias ordinarias, escrevia — *interpollar o citaço* —, aquelle escrevia nos termos dos processos — *vae ser assignado o depois de ser lido* —, e ambos trocavam o v pelo b, e vice-versa.

O da *interpollação*, typo ladino, manhoso, todo senhorias, dorso curvado, era mais esperto do que o outro.

Encontraram-se.

— Ó collega — diz o següdo ao mais ladino — como diabo, depois de ser liquidada a conta d'um processo meu, tenho sempre a restituir á parte alguma coisa do preparo que recebi?

— Ora! — responde o outro — é que o collega não sabe fazer a coisa. Eu nunca restituo coisa alguma. É a gente fazer uma certidão para aqui, umá citação para acolá, um termo ordinário por dá cá aquella palha, e... está feita a obra.

Tolo é o escrivão que, além do preparo, ainda não houver de receber mais seis vintensinhos!

A um outro escrivão ouvi eu dizer isto:

— Um dia pedi o preparo para uns autos. Como o typo me perguntou quanto era, respondi logo, sem titubear:— São 7\$000 réis—. O negocio não devia gastar nem 1\$000 réis. Mas eu, com o preparo já no fundo do bahu, ter de o tirar? Isso não! Tantas voltas dei á coisa, tanta informação fiz, tantas certidões, que... não me foi possível mais!... tive de restituir á parte 150 réis. Domine! Libera nós!

L. M.



## Annual athletic sports meeting

---

No dia 24 de Dezembro findo realisaram-se no largo da *Salina*, da cidade do Mindello, de S. Vicente, os exercicios de *Sports*, que a colonia ingleza costuma apresentar todos os annos n'esse dia.

A festa corren brilhantemente, tendo havido alguns exercicios muito curiosos, que despertavam a constante hilaridade do grande numero de espectadores que assistiram a esta attrahente festa da sympathica colonia ingleza.

### Comittee:

Presidente: H. B. Langdon.

Vice-presidente: F. B. Foy.

Leportier, Leonard, Shocsmith, Partridge-Edbrooke, Kenndy, Forster, Rice.

### Sports:

Evans, Bradford, Hyde, Rhodes, Rogers, Gore, Plunket, Dening, Plunkel, Perkins, Barber, Hannaford, Allen, Dyer, Johnstone, Cook, Richardson, Bartlett, Nickless, Williams, Laird, Dawson, Hewitt, Pardew.

Alcancaram os primeiros premios:

Bradford, Plunket, Hyde, Bartlett, Dening, Evans, Cook, Rhodes, Pardew, Dyer, Rogers.

---

---

## EXPEDIENTE

---

São nossos obsequiosos correspondentes, os ex.<sup>mos</sup> srs.:

Na Praia — A. Artheaga.

Na Brava — E. Tavares.

Em S. Antão — J. L. de Mello.

Em S. Nicolau — T. Duarte.

Em B. Vista — José Lopes.

No Sal — C. Simas.

No Maio — J. J. de Faria.

No Fogo — Joaquim de Macedo.

No interior de S. Thiago — L. Loff. Fernandes.

---

Toda a correspondencia deve ser subscriptada ao Director da «Revista de Cabo Verde», S. Vicente.

---

Pedimos aos nossos estimaveis collaboradores o favor de mandarem com alguma antecedencia os seus artigos.

---

---